

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **THE DINNER PARTY - 40 ANOS: REVERBERAÇÕES FEMINISTAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA OBRA DE JUDY CHICAGO**

Juliana Padilha de Sousa  
PPGARTES - UFPA

### **Introdução**

O período de 1960 e 1970, no Ocidente, é marcado por mudanças no que condiz à experiência social feminina, com destaque para a emancipação sexual das mulheres. O Feminismo pareceu ser o prenúncio de uma nova era, ao menos para uma nova postura social: as mulheres finalmente tomaram as rédeas da situação. A manifestação feminista na história da arte a partir dos anos 1970, aqui simbolizado através da obra da artista norte americana Judy Chicago (1939), estabeleceu novas perspectivas do silenciamento feminino e a sua ausência de protagonismo na história social. A ambiciosa obra de *The Dinner Party* (1974-1979) constitui em uma instalação em forma triangular de banquete de 39 lugares para mulheres meritórias da história ocidental, em que a mesa é posta com porta pratos de porcelana baseados em iconografias vaginais, assim como taças, talheres, acompanhados de toalhas bordadas manualmente com motivos personalizados para cada homenageada. Esta instalação contou com a colaboração de 400 artistas, homens e mulheres, para a confecção de todos estes artefatos, na intenção de uma recuperação histórica de tantas mulheres - no total de 1038 mulheres homenageadas - esquecidas e ocultadas pela história da arte. Chicago utilizou de técnicas historicamente constituídas como *femininas* - como a cerâmica, o bordado e a tapeçaria - para construir a sua instalação, em conjunto com os demais artistas colaboradores, em uma simbólica celebração da resistência feminina ao aprisionar da sociedade patriarcal. A chamada Arte Feminista é entendida como uma arte impossível de qualquer narrativa linear simples ou de ser estudada por um viés estritamente cronológico e nesta perspectiva de feminismos na arte, as modalidades outrora desprezadas por serem “femininas” assumem o papel crítico aos discursos de poder previamente concebidos. Descendendo das inquietações provocadas por mulheres artistas dos anos 70 a partir do *Feminist Art Movement*, quando a pesquisadora feminista Linda Nochlin publica o icônico artigo “*Why there have not been no great female artists?*”, argumentando que o conceito de genialidade artística esteve reservado aos homens em uma consequência de uma exclusão institucional e social das mulheres enquanto profissionais da arte. Nochlin atenta para o fato de que mulheres eram impossibilitadas de atingirem os padrões de qualidade artística determinadas historicamente no mundo das artes, nos convidando a uma desconstrução daquilo de chamamos de tradição artística, ao revelar seu caráter sexista seletivo. Desenvolvemos este artigo para analisar o trabalho coletivo de Judy Chicago em *The Dinner Party* quarenta anos após a sua primeira exposição, explorando as discussões e produções científicas acerca desta obra, e as repercursões feministas na arte contemporânea. A obra Chicago e sua equipe se mantém atual e necessário, o respeito ao legado de nossas antecessoras e a necessidade de reescrever seus nomes na história.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **Metodologia**

A historiadora da arte Griselda Pollock (1998) afirma que a revisão feminista da historiografia da arte tem como principal ferramenta a análise da mulher como produtora, sugerindo que se produza *contra-histórias* baseadas em outros elementos das mulheres e sua história. Pedir uma arte mais inclusiva para as mulheres não significa apenas ressaltar nomes esquecidos durante séculos, mas compreender e valorizar os mais diversos trabalhos de mulheres artistas através da escrita de uma nova história da arte. O historiador da arte, Michael Archer (2001), contextualiza que a teoria feminista no cenário artístico da década de 1970 evidenciava que as reais diferenças entre os sexos se baseavam em poder: quem o tinha e quem não o tinha. O chamado ao protagonismo feminino contido na obra de Chicago e nos debates levantados pelo *Feminist Art Movement* norte-americano são discutidos no artigo de Milena da Costa Souza, demarcando um importante feito das artistas feministas da época, que criaram o programa acadêmico denominado de *Feminist Art Program*, de Judy Chicago e Miriam Schapiro - ambas que, além do trabalho artístico, lecionavam. Pesquisadores da arte como a portuguesa Filipa Vicente (2002) e a brasileira Ana Mae Barbosa (2016) trazem estas questões em suas publicações, apresentando o cenário artístico do período que a obra de Chicago foi produzida, dialogando com o a arte e as construções sociais de gênero.

## **Resultados e discussão**

O movimento feminista, nas suas mais plurais configurações, impulsionou mulheres a obterem mais consciência sobre suas origens, questionar estruturas opressoras e reconhecer o valor das diferenças entre homens e mulheres. As implicações mais amplas da maneira como o feminismo pensava a arte colocou em foco a questão da identidade, que ultrapassa os limites de gênero, e traziam em pauta considerações sobre sexualidade, classe social, origem racial e cultural (ARCHER, 2001). O movimento de arte feminista norte-americano está diretamente associado ao chamado feminismo de segunda onda. Tendo como marco histórico inicial a exposição pioneira realizada em Los Angeles em 1976 – *Women Artists: 1550-1950* – anos após ter publicado seu artigo já citado, Linda Nochlin e Ann Sutherland Harris fazem a curadoria da exposição mais ambiciosa já organizada sobre mulheres, até então (VICENTE, 2012). Realizada no Los Angeles County Museum, com a abordagem de uma história da arte feminista, a exposição propõe uma genealogia de mulheres artistas. A exposição incorpora ideias feministas equacionando os múltiplos processos através dos quais os registros do trabalho das mulheres artistas “[...] foram sendo submersos pela própria história” (Op. cit., p. 37). Anos depois, O Banquete - como seria chamado em português a obra de Judy Chicago - reúne 1038 mulheres destacadas onde 39 estão dispostas ao longo de uma mesa triangular e outras tem seus nomes gravados nos ladrilhos que compõe o piso da instalação, o chamado The Heritage Floor, nome que indica a ancestralidade presente na obra. Em The Dinner Party (fig.1) tudo remete ao feminino. Propondo uma recuperação da história de mulheres eminentes no ocidente, tudo remete ao



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

corpo e a Deusa Mãe: o triângulo formado pelas mesas simboliza a vulva e muitas outras representações do sexo feminino estão presentes na instalação. Artes tradicionalmente associadas ao fazer de mulheres são resgatadas na intenção de desestabilizar as hierarquias constituintes do mundo da arte.

**Figura 1:** *The dinner party*. Judy Chicago, 1977. Cerâmica, porcelana e bordados, 14.6x12.8x9m, Elizabeth A. Sackler Center Foundation, Brooklyn Museum.

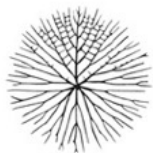


Fonte: <https://www.dissentmagazine.org/article/art-meets-politics-how-judy-chicagos-dinner-party-came-to-brooklyn>

Mulheres artistas que se redescobrem e desafiam o estereótipo feminino e clamam pela liberdade de ser mulher. Ao invés do retrato delicado, natural, maternal esperado, se revelam caóticas, subversivas e independentes em um exercício contínuo de desconstrução de paradigmas limitadores que aprisionaram o bordado por séculos. O contexto dos anos de 1970, período de criação da obra de Judy Chicago, inseriu ideais feministas no processo artístico que permitiu um acolhimento do *ser-fazer* feminino dentro das particularidades - do bordado, da tapeçaria, da cerâmica - construídas através de séculos de exclusão da mulher nos espaços da arte. A obra de Judy Chicago, *The Dinner Party* (1974-1979) contribuiu para que novas gerações de artistas pudessem vivenciar a multiplicidade de ser artista para além da normatividade de gênero.

## **Conclusões**

As questões levantadas na obra continuam atuais, mesmo passados quarenta anos de sua primeira exposição. A instalação de Chicago permanece iluminando trajetórias de muitas mulheres e suas produções invisibilizadas ao longo da história, rompendo barreiras do fazer artesanal feminino, simbolizando até hoje as dificuldades da inserção da mulher e suas produções no mundo das artes.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

**Palavras-Chave:** Judy Chicago; The Dinner Party; Mulheres Artistas;

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea:** Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres: Arte, Artesanato, Design. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 233-248, jan./abr. 2016.

COUTINHO, A. S. **Poéticas do Feminino/Feminismo na Arte Contemporânea:** Transgressões para o ensino de Artes Visuais em Escolas. 2009. 264 f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança na área de Comunicação Visual e Expressão Plástica) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/?p=587>. Acesso em: 12 dez. 2018.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora/ Publication Studio São Paulo, 2016. Tradução de Juliana Vacaro.

POLLOCK, Griselda. **Differencing the Canon:** Feminist Desire and the Writing of Art's Histories. New York. Routledge, 1999.

SOUZA, Milena da Costa. Your body is a battleground: O Feminist Art Movement norte-americano analisado através da produção artística de Judy Chicago e Barbara Kruger. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

VICENTE, Filipa Lowndes. **A arte sem história:** Mulheres e cultura artística (Séculos XVI-XX). Lisboa: Babel, 2012.